

A Estrutura Argumental Preferida de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais *desgarradas em memes quando*

Sávio André de Souza Cavalcante^a

Violeta Virgínia Rodrigues^b

Resumo

Objetivamos analisar a Estrutura Argumental Preferida - EAP (DU BOIS, 1987) de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais desgarradas em memes quando, coletadas no site de pesquisa Google e na rede social Instagram. Adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: coletamos 100 orações, dividimos de acordo com o tipo de verbo (verbos de dois argumentos (V2), verbos existenciais de um argumento (V1e) e verbos não existenciais de um argumento (V1~e)) e codificamos conforme as variáveis tempo e modo verbais; ordem dos constituintes; tipo semântico e sintático do verbo; manifestação, posição e estatuto informacional do sujeito de verbos transitivos e intransitivos e do objeto de verbos transitivos. Os resultados apontaram para os seguintes traços gerais: ordenação SV(O) e presença de verbos de estado ou ação (com tendência mais forte para o último tipo) no Presente do Indicativo. Em relação às tipologias verbais, foram detectados os seguintes traços, que confirmam parcialmente a EAP: Sujeito de V2 = [pronominal, pré, dado]; Objeto de V2 = [lexical, pós, novo]; Sujeito de V1e = [lexical/pronominal, pré, dado/novo]; Sujeito de V1~e = [lexical/pronominal, pré, novo]. Verificamos que essas construções constituem um tipo especial no que se refere à manifestação do sujeito. Logo, entendemos que, nessas construções, verbos V2 tendem a apresentar participantes da interação, pronominalizados e dados; já V1e e V1~e tendem a focalizar participantes da interação ou externos a ela (pronominais ou lexicais, dados ou novos), ainda que V1~e tenha maior tendência em apresentar sujeitos novos. Além disso, constatamos a frequência das cláusulas desgarradas em memes.

Palavras-chave: Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais. Cláusulas desgarradas. Memes quando. Estrutura Argumental Preferida (EAP).

Recebido em: 26/04/2018

Aceito em: 03/07/2018

^aInstituto UFC Virtual / Universidade Aberta do Brasil. Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: savio.andrec@gmail.com.

^bDepartamento de Letras Vernáculas - Setor de Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: violetarodrigues@uol.com.br.

Introdução

Segundo a tradição gramatical, a subordinação é um processo sintático que envolve, no mínimo, duas orações, formando um todo complexo, organizado por relações de dependência sintática e semântica. Assim, segundo essa visão, subordinada é a oração “que depende da outra” (LUFT, 2002, p. 79), funcionando “sempre como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 612), uma vez que “cada um tem seu papel como um dos termos da oração principal” (ROCHA LIMA, 1988, p. 232). Pressupõem-se, portanto, duas estruturas relacionadas, em que uma modifica a outra ou dela depende.

Por outro lado, análises de cunho funcionalista observam níveis diferentes de articulação de orações, valendo-se dos conceitos de subordinação, dependência e encaixamento. Em Decat (2014, p. 124-127), há uma revisão do conceito de subordinação da abordagem tradicional, que, segundo ela, pode ser refinado por meio da distinção encaixamento *versus* hipotaxe. A subordinação, nesse sentido, “implica um grau maior de dependência, ficando a oração estruturalmente integrada em outra e, por isso, perdendo sua identidade funcional de oração” (DECAT, 2014, p. 126). Com base nesse ponto de vista, as Cláusulas Temporais, foco deste estudo, estabeleceriam, com sua nuclear, relações de hipotaxe por realce (HALLIDAY, 1985), já que não fazem parte da estrutura argumental das cláusulas às quais se vinculam, apresentando mobilidade.

Acatar a relação de dependência proposta pela abordagem tradicional pressupõe que haja sempre na estrutura uma subordinada e uma principal, questionando-se, assim, a possível omissão de uma delas. Segundo Luft (2002, p. 79), não há essa possibilidade, pois “não há principal sem subordinada, nem subordinada sem principal”. Contudo, em ocorrências reais da língua em uso, deparamo-nos com o seguinte dado:

Figura 1



Fonte: Instagram @instasurreal

Em (1), não há nenhuma outra cláusula além da Temporal (*Quando eu pego alguém tentando desbloquear meu celular*), entretanto, a situação comunicativa construída com o apoio da linguagem não verbal (imagem que retrata uma cena da telenovela *Maria do Bairro*, em que a vilã Soraya Montenegro aponta uma arma para seu amante) nos leva a afirmar que a comunicação de informações se processa naturalmente. Uma possível paráfrase da outra cláusula constituinte desse complexo seria “eu tento matá-lo” e, assim, teríamos: “Quando eu pego alguém tentando desbloquear meu celular, eu tento matá-lo”. Deduzimos que essa Temporal seria anteposta, pois vem em posição superior/anterior à informação imagética. Logo, é possível recuperar o efeito humorístico do exemplo (1), mesmo sem a cláusula-núcleo. No caso em tela, esta pode ser apreendida por meio do contexto, em que se conjugam linguagem verbal e não verbal. A cláusula Temporal usada em (1) é uma ‘desgarrada’ (DECAT, 1999, p. 23-38; 2009, p. 1-10; 2011, p. 1-155; RODRIGUES; SILVESTRE, 2017, p. 217-237).

O ‘desgarramento’ de cláusulas na perspectiva de Decat (1999, p. 23-38; 2009, p. 1-10; 2011, p. 1-155) está diretamente relacionado com a noção de unidade de informação (*idea unit*) de Chafe (1980), que consiste em uma “quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez” (DECAT, 1999, p. 27). Entre os critérios utilizados pelo autor para

delimitar uma unidade de informação, estão (i) o número de palavras (em torno de sete), (ii) a entonação (de fim de cláusula) e (iii) pausa/hesitação, mesmo que breve. Na articulação entre uma Cláusula Temporal e sua respectiva nuclear, por exemplo, podemos visualizar, segundo esses critérios, duas unidades de informação. Além disso, a Temporal funciona como adjunto e não como argumento requerido pelo verbo. Assim, pode facilmente ‘destacar-se/desgarrar-se’ da cláusula-núcleo, funcionando à maneira de unidade independente, como o exemplo a seguir, apresentado por Decat (2009, p. 1):

Foi nos velhos tempos. Quando Zé Ramos Filho formava zaga com o Glagê no Terrestre. Priscas eras, diria o sempre elegante José Cabral. Idos dos anos 30, ênfase. (Plínio Barreto – *Com todo respeito* – ESTADO DE MINAS, Caderno Cultura, 24/07/04, p. 2)

No exemplo da autora, conseguimos estabelecer, via cotexto, uma relação de “Quando Zé Ramos Filho formava zaga com o Glagê no Terrestre” com “Foi nos velhos tempos”. A Temporal separada da nuclear pelo sinal de pontuação terminativo ponto final realça, enfatiza o momento em que a ação ocorreu.

Já no *meme* (1), não há cláusula nuclear materializada em texto verbal com a qual a Temporal ‘desgarrada’ possa estar relacionada; mesmo assim, a construção de sentido do texto se efetiva, tanto pela apreensão do contexto verbal como do não verbal (KRESS, 2010, p. 1). Por esse motivo, Rodrigues e Silvestre (2017, p. 233-243) argumentam a favor da ampliação do conceito de ‘desgarramento’ proposto por Decat (2009, p. 1-10), mostrando que

a relação da estrutura *desgarrada* pode estar no nível intersentencial e/ou no nível textual/discursivo (...). Assim, poderíamos ter tanto o *desgarramento* cotextual ou *desgarramento* contextual (RODRIGUES; SILVESTRE, 2017, p. 233-243).

Portanto, propomos que os *memes* analisados aqui sejam vistos pela ótica do ‘desgarramento’ contextual/pragmático, já que a cláusula-núcleo com a qual a Temporal deveria se relacionar não está materializada no cotexto, mas, sim, estocada na memória discursiva, podendo ser reconstruída/inferida pelo leitor.

O exemplo (1) constitui um tipo de texto conhecido na internet como *meme*, termo cuja origem vem do grego *mimeme*, com significado de imitação (BLACKMORE, 1999, p. 43). Recuero (2006, p. 2) afirma que o termo *meme* foi cunhado pelo etólogo, biólogo e escritor britânico Richard Dawkins, em sua obra *The Selfish Gene (O Gene Egoísta)*, de 1976. Em termos gerais, “o meme é um replicador, que se propaga através das pessoas, por imitação” (RECUERO, 2006, p. 2). Além disso, para Dawkins (2001), o *meme* apresenta as seguintes características: (i) longevidade, por sua permanência no tempo; (ii) fecundidade, tendo em vista as cópias que são geradas e (iii) fidelidade das cópias, pela semelhança das cópias com os copiados. A essas características, Recuero (2006, p. 8-10) acrescenta, ainda, um quarto critério, (iv) o alcance, em virtude de sua propagação. Em nosso estudo, analisaremos os chamados *memes quando*, como no exemplo (1), cuja estrutura básica é uma Cláusula Temporal desgarrada introduzida por *quando*, que vem amparada por uma imagem ou um vídeo, que colabora para sua interpretação.

Assim, o presente artigo, portanto, tem por objetivo descrever a Estrutura Argumental Preferida (EAP) (DU BOIS, 1987) desse tipo de construção, o que engloba a observação de tipologias verbais, ordem, manifestação (lexical, pronominal, elipse) e estatuto informacional de constituintes. Na seção seguinte, faremos um apanhado das teorias que embasarão as análises empreendidas aqui: a Hipótese da Estrutura Argumental Preferida (DU BOIS, 1987) e uma de suas aplicações em Português (PEZATTI, 1996); a taxonomia de Prince (1981, 1992), quanto ao estatuto informacional de constituintes; e a proposta de Givón (2001), quanto à divisão semântica dos verbos. Em seguida, expomos os procedimentos metodológicos de coleta, codificação e análise dos dados. Adiante, segue-se a análise, considerando a classificação tipológica geral das construções e o tipo de verbo.

A Hipótese da Estrutura Argumental Preferida (DU BOIS, 1987)

Pesquisas em tipologia linguística têm-se ocupado em descrever as línguas do ponto de vista de sua estrutura interna. Entre as questões suscitadas, está a ergatividade, padrão verificado em línguas cujos sujeitos de verbos intransitivos

e objetos de verbos transitivos apresentam características semelhantes, distintos de sujeitos de verbos transitivos. Observando esse fenômeno na língua maia Sacapulteco, Du Bois (1987, p. 805-855) notou alguns traços estruturais que o fizeram refletir acerca de uma configuração estrutural de argumentos preferida. Embora os estudos não apontem o Português como língua estritamente ergativa, Pezatti (1993, p. 176) o apresenta como língua de caráter nominativo/ergativo. Além disso, pesquisas em Português confirmam a existência da EAP, sugerindo sua universalidade (DUBOIS, 1987, p. 837-839; PEZATTI, 1996, p. 278).

Du Bois (1987, p. 821) constatou que tanto sujeitos como objetos de verbos transitivos poderiam ser preenchidos por sintagmas nominais plenos/argumentos lexicais. O autor questionou, então, se o fenômeno acontecia com a mesma frequência tanto para sujeitos como para objetos. Avançando na investigação de natureza empírica, percebeu que há uma tendência maior de a sentença apresentar um ou nenhum argumento lexical em lugar de dois. Assim, o estudioso postula a restrição¹ de um único argumento lexical, que consiste em **evitar mais de um argumento lexical por cláusula**.

No entanto, o autor indaga se essa primeira restrição se aplica igualmente a sujeitos de verbos transitivos, objetos de verbos transitivos e a sujeitos de verbos intransitivos. A análise dos dados, segundo ele, mostrou que os argumentos lexicais se concentravam preferencialmente nas posições objeto de verbo transitivo e sujeito de verbo intransitivo e, assim, formula a segunda restrição, que aponta para **evitar sujeitos de verbos transitivos lexicais**.

Do ponto de vista das restrições de cunho pragmático, Du Bois (1987, p. 824-829) se questiona acerca da distribuição de argumentos dados e novos por cláusula. Diante dos dados encontrados, percebe que as sentenças apresentam, em sua maioria, nenhum ou apenas um argumento novo. Com isso, a terceira restrição postulada pelo autor é **evitar mais de um argumento novo por cláusula**.

Por fim, o linguista busca entender quais as posições preferenciais dos argumentos novos e observa que a maioria desses está em posição de sujeito de verbo intransitivo ou objeto de verbo transitivo. Então, apresenta a quarta e última restrição: **evitar sujeitos novos de verbos transitivos**.

¹ O autor ressalta que cada uma dessas restrições não consiste em regras categóricas (100% de uso), mas apontam para tendências observadas nos dados.

Em estudo desenvolvido por Pezatti (1996, p. 279), no âmbito da *Gramática do Português Falado*, analisa-se “cada argumento do verbo para se detectar a matriz de traços preferenciais desses argumentos e, conseqüentemente, a EAP” (PEZATTI, 1996, p. 279). Quanto às tipologias verbais, Pezatti (1996, p. 279) considera verbos de dois argumentos (V2) e verbos de um argumento (V1), sendo que esses últimos se dividem em verbos não existenciais (V1~e) e verbos existenciais (V1e). Amparados pelos resultados da autora, nossa hipótese é a de que V1e devem apresentar mais sujeitos pospostos e lexicalizados. Por outro lado, V1~e e V2 devem apresentar sujeitos prepostos pronominalizados, já que

A estrutura argumental preferida é um efeito do grau de pressão informacional, de modo que o aparecimento de menções novas e lexicais nos papéis de sujeito intransitivo (Si) e objeto (O), e não no de sujeito transitivo (St), está relacionado à função de continuidade tópica, já que protagonistas humanos são participantes centrais na maioria dos discursos. Sendo assim, é suficiente uma menção constante mediante o uso de pronome, um afixo de referência, dispensando a presença de um SN pleno. Na posição de objeto (O), há, pelo contrário, uma grande variedade de argumentos pacientes inanimados, cada qual relativamente efêmero no discurso. A função do argumento sujeito-intransitivo (Si) é introduzir um referente humano novo através do uso de um verbo intransitivo, ainda que nem sempre este seja usado para tal função (PEZATTI, 1996, p. 278).

Dado Novo e Inferível – A proposta de Prince (1981, 1992)

Segundo Prince (1981, p. 224), há uma assimetria informacional, em que algumas unidades parecem veicular informações mais velhas do que outras. Assim, faz uma retomada a teóricos anteriores, que discutiram acerca dos conceitos de “dadidade” (*givenness*) em termos de predizibilidade/recuperabilidade (o falante supõe ser predizível pelo ouvinte um item linguístico particular na sentença), saliência (o falante assume serem disponíveis ao ouvinte algumas informações em sua consciência no momento da interação linguística) e conhecimento partilhado (o falante crê que o ouvinte sabe, supõe ou pode inferir determinadas informações).

Para propor sua taxonomia, a autora prefere abandonar o termo *conhecimento compartilhado*, já que tal acepção pressupõe mais um observador onisciente que um participante da interação verbal. Desse modo, propõe que se fale em *familiaridade presumida*. Vale destacar em sua proposta a noção de *texto* como um conjunto de instruções do falante ao ouvinte acerca de como construir um modelo-de-discurso (*discourse-model*) particular, que se constitui de entidades de discurso (objetos do modelo-de-discurso), atributos e enlaces (*links*) entre as entidades.

Segundo a linguista, quando uma entidade é introduzida pela primeira vez no discurso, é considerada **Nova** e, por sua vez, pode ser novíssima (quando o ouvinte precisa criá-la, e pode estar ancorada ou não) ou não usada (quando o ouvinte já a tem construída em seu modelo cognitivo). A entidade também pode ser **Evocada**², isto é, pode já estar presente no modelo-de-discurso, textual ou situacionalmente. Além disso, pode ser que a entidade seja **Inferível** (dividida em inferência contida ou não contida), quando o falante assume que o ouvinte pode inferi-la, pela lógica ou pela plausibilidade. Vejamos alguns exemplos:

- I bought a **beautiful dress**. (Eu comprei **um vestido bonito**). (Entidade novíssima);
- A **rich guy I know** bought a Cadillac. (**Um rapaz rico que eu conheço** comprou um Cadillac). (Entidade novíssima ancorada);
- **Rotten Rizzo** can't have a third term. (**Rotten Rizzo** não pode ter um terceiro mandato). (Entidade não usada);
- I went to the post office and **the stupid clerk** couldn't find a stamp. (Eu fui aos correios, e **o funcionário estúpido** não podia encontrar um selo). (Entidade inferível);
- Have you heard **the incredible claim that the devil speaks English backwards?** (Você já ouviu **a afirmação inacreditável de que o diabo fala Inglês ao contrário?**). (Entidade inferível contida);
- Susie went to visit her grandmother and **the sweet lady** was making Peking Duck. (Susie foi visitar sua avó, e **a doce senhora** estava fazendo Pato à Pequim). (Entidade evocada);
- **Lucky me** just stepped in something. (**Sorte minha** [que] pisei em apenas uma coisa). (Entidade evocada situacionalmente).

(PRINCE, 1981, p. 237, tradução nossa entre parênteses).

² Em nossas análises, utilizaremos o termo *Dado*, que é de uso frequente nos trabalhos em Linguística.

Prince (1992, p. 309) refina a taxonomia antes comentada, considerando os aspectos menção no discurso e crenças do ouvinte. As entidades consideradas novas o são com base no critério de 'novidade' no modelo discursivo (menção em porção textual prévia): (i) novíssimas são novas na perspectiva do ouvinte e no modelo discursivo; e (ii) não usadas são dadas na perspectiva do ouvinte, mas novas no modelo discursivo. Já as evocadas são dadas no modelo discursivo e na perspectiva do ouvinte. Além disso, em nota de rodapé, a autora cita as entidades evocadas situacionalmente, como, por exemplo, pronomes de primeira e segunda pessoa. Em relação às inferíveis, a classificação permanece a mesma.

Baseados nos resultados de Du Bois (1987, p. 817-829) e de Pezatti (1996, p. 280-287), tomamos como hipótese que V1~e e V2 devem apresentar sujeitos dados, ao passo que V1e possivelmente apresentarão sujeitos novos. Já os objetos de V2 seriam preferencialmente novos. Tal conjectura também se refere ao fato de que SN à esquerda das sentenças tendem a codificar informação dada/evocada (COAN *et al.*, 2016, p. 182).

Ação, evento ou estado (GIVÓN, 2001)

Segundo Givón (2001, p. 106), a proposição pode indicar estado, evento ou ação. Caracteriza-se *estado* quando não há mudança no tempo. O estado pode ser temporário (duração limitada) ou permanente (duração relativamente longa). Já o *evento* envolve mudança de um estado ou mudança no tempo. Pode ser limitado (distinguindo estado inicial e final) ou não limitado (um processo sem estabelecer limite temporal). Quando o evento é deliberadamente iniciado por um agente ativo, temos uma *ação*.

Vejamos, a seguir, exemplos do autor que ilustram a sua proposta:

- She was angry. (Ela estava furiosa). (Estado temporário);
- She was tall. (Ela era alta). (Estado permanente);
- The ball dropped. (A bola caiu). (Evento limitado);
- The ball rolled downhill. (A bola rolou ladeira abaixo). (Evento ilimitado);

- She dropped the ball. (Ela derrubou a bola). (Ação limitada);
- She rolled the ball downhill. (Ela rolou a bola ladeira abaixo). (Ação não limitada).

(GIVÓN, 2001, p. 106, tradução nossa entre parênteses).

Procedimentos metodológicos

Adotaremos neste trabalho a proposta de Givón (1995, p. 18-21) quanto à conjugação dos métodos indutivo e dedutivo, uma vez que tomamos como hipótese (dedução) os postulados de Du Bois (1987, p. 805-855) acerca da EAP, e analisaremos os dados com o objetivo de verificar sua aplicação. Além disso, faremos generalizações (indução) no sentido de mostrar que, se o fenômeno é frequente em nossa amostra, é bastante provável que também se verifique em porções maiores. Quanto aos níveis de pesquisa, operamos com uma investigação descritivo-explicativa (GIL, 2008, p. 28-29), pois objetivamos descrever a EAP das Temporais desgarradas presentes nos *memes quando* e explicar, sob um viés funcionalista, as motivações para a codificação de seus argumentos. No que tange ao uso dos métodos quantitativo e qualitativo (RICHARDSON, 2012, p. 70-89), adotamos a conjugação dessas abordagens, já que, para realizar generalizações, observaremos números de ocorrências e percentuais (método quantitativo). Além disso, analisaremos a influência de cada variável escolhida para a descrição da EAP de Temporais desgarradas nos *memes quando* (método qualitativo).

Em relação às técnicas de coleta de dados, selecionamos dados em duas fontes: *Google* e *Instagram*, por serem os meios mais representativos e acessíveis de localização desse tipo de fenômeno. Na pesquisa de imagens do *Google*, digitamos “meme quando” e coletamos todas as ocorrências de *memes* com Temporais *desgarradas*. Nessa coleta, descartamos os *memes* “minha cara quando” e “eu quando” e aqueles cuja Temporal estava associada não a uma imagem, mas a um vídeo. No *Instagram*, na seção *pesquisar*, aparecem vários perfis abertos à visualização. Observando essa seção, detectamos alguns perfis que continham postagens com *memes quando* e os selecionamos conforme a ordem em que apareciam. Nesses perfis, coletamos *memes quando* até o fim do número de postagens do perfil. Ao

acabar, passamos a outro perfil, até se completarem o número de 100 ocorrências, pois acreditamos ser uma quantidade razoável para fazer generalizações acerca do fenômeno observado. Assim, restringimos a coleta aos seguintes perfis: @Instasurreal, @honestagran, @cafejstando, @ordinariaz, @k100_memes_ e @Noculto.

Em seguida, organizamos uma lista com as ocorrências, suas fontes e as variáveis analisadas, a saber: tempo e modo do verbo; ordem dos constituintes; tipo semântico do verbo; tipo sintático do verbo (valência); manifestação, posição e estatuto informacional do sujeito de verbos transitivos e intransitivos; manifestação, posição e estatuto informacional do objeto de verbos transitivos. Por fim, calculamos percentuais e organizamos tabelas para melhor visualização dos resultados.

Análise e discussão dos resultados

Caracterização tipológica geral da construção – traços sintático-semânticos

Os três tipos de verbo controlados nesta investigação (V2, V1e, V1~e) foram encontrados nos dados, ainda que com frequências distintas. Essas escolhas apontam para as preferências no que diz respeito às Temporais desgarradas em *memes quando*. Observemos, na tabela 1, os resultados, categorizados, nesse primeiro momento, de acordo com o tipo valencial do verbo:

Tabela 1 – Tipo de verbo e fatores sintático-semânticos³

Tipo valencial de verbo		V2		V1e		V1~e	
Fatores		Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%
Tempo e modo verbal	Presente do Indicativo	79	98,8	2	100	18	100,0
	Preterito Imperfeito do Indicativo	1	1,3	0	0	0	0,0
Ordem de constituintes	SV(O)	75	93,8	2	100	16	88,9
	S(O)V	4	5,0	0	0	0	0,0
	VS(O)	1	1,3	0	0	2	11,1
Tipo semântico do verbo	Ação	64	80,0	1	50	14	77,8
	Evento	13	16,3	0	0	1	5,6
	Estado	3	3,8	1	50	3	16,7
Total		80		2		18	

Em relação ao tempo e modo verbal, nota-se forte preferência pelo Presente do Indicativo ((V2 - 79/98,8%), (V1e - 2/100%) e (V1~e - 18/100%)). Segundo Bechara (1999, p. 275), o Indicativo aparece em orações “que encerram um fato real ou tido como tal”. Além disso, o Presente tem mais recorrência devido ao fato de que é mais neutro em relação ao passado e futuro e pode denotar uma declaração (i) “que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala”, (ii) “que acontece habitualmente” ou (iii) “que representa uma verdade universal” (BECHARA, 1999, p. 276). Em Givón (2001, p. 286), esses traços são apresentados como duas divisões temporais: o Presente (evento (ou estado) cujo marco temporal coincide com o tempo da fala) e o Habitual (evento (ou estado) que sempre ocorre ou ocorre repetidamente, ou apresenta marco temporal não marcado).

Assim, cumpre destacar que é traço característico das Temporais investigadas neste trabalho tender a expressar fatos reais, ou tidos como reais, cujo marco temporal (i) coincide com o momento de fala, (ii) denota uma ação habitual ou (iii) apresenta uma verdade eterna, sem especificação temporal.

Agora, observemos o único dado expresso com Pretérito Imperfeito do Indicativo:

Figura 2

(2)

Quando eu tirava mais nota que os nerds da sala #MasterChefBR



Fonte: <http://www.purebreak.com.br/midia/foto-memes-do-masterchef-junior-aquele-100126.html>

O exemplo (2) retrata um fato habitual – o menino sempre ficava feliz quando tirava nota mais alta que os *nerds* da sala. Distintamente dos demais exemplos, o enunciador se reporta,

descrevendo “o que então era presente” (BECHARA, 1999, p. 277). No *corpus* coletado, essa estratégia apresenta baixíssima frequência, o que leva à conclusão de que os estados-de-coisas expressos por essas Temporais se referem ao momento de fala ou a eventos atemporais, e não a retornos ao passado. Parece-nos, então, que a intenção motivadora por traz da produção da Temporal desgarrada em um *meme* quando é descrever uma cena que coincide com o momento de fala e se atualiza a cada vez que o *meme* é replicado na rede social. A situação de vida do usuário é identificada com a situação da cena descrita no *meme*.

Em relação à ordem dos constituintes, Pezatti (2014, p. 37-39) enumera vários autores que classificam o Português como língua SV(O). De fato, nos dados desta investigação, esse padrão tipológico foi apresentado como o mais frequente ((V2 - 75/93,8%), (V1e - 2/100%) e (V1~e - 16/88,9%)). O padrão SV(O) é mais frequente por ser considerado mais natural: há a tendência de o fluxo de atenção natural refletir o linguístico (DELANCEY, 1981, p. 633-635). Além disso, o sujeito acumularia as funções de tema, tópico e agente, como no exemplo (3):

Figura 3



Fonte: Instagram @k100_memes_

No que corresponde ao tipo semântico de verbo (GIVÓN, 2001, p. 106), ainda segundo os resultados da tabela 1, notou-se uma preferência pelos verbos de ação com V2 (64/80%) e com V1~e (14/77,8%). Em relação aos dois únicos dados de verbo V1e, apresentou-se um empate de 50%, dessa vez, entre verbos de ação e de estado. Como boa parte dos verbos localizados no *corpus* desta pesquisa foram classificados como

de ação, conclui-se que, nessas Temporais, é mais comum se expressarem eventos iniciados por um agente, que controla o desenvolvimento do evento, como no já apresentado exemplo (3). Esses resultados confirmam o postulado de Du Bois (1987, p. 829) de que protagonistas humanos tendem a ter papel central no discurso narrativo e exercem função de agente com verbos de dois argumentos.

Uma vez apresentados os fatores sintático-semânticos que tendem a figurar nas Temporais desgarradas em *memes quando*, algumas afirmações podem ser feitas: expressão, em ordem canônica SV(O), de fatos/ações reais ou tidos(as) como reais, com marco temporal que, em geral, coincide com o momento de fala ou denota habitualidade.

Sintetizemos, então, a matriz geral de traços dessas construções: Tempo e modo verbal = [Presente do Indicativo]; Ordem de constituintes = [SV(O)]; Tipo semântico do verbo = [estado ou ação, com tendência mais forte para o último tipo].

Caracterização tipológica por tipo de verbo

Apresentada a caracterização tipológica geral das Temporais desgarradas em *memes quando*, observemos os resultados que se referem a cada um dos tipos de verbo escolhidos para a análise, a saber: verbos de dois argumentos (V2), verbos existenciais de um argumento (V1e) e verbos não existenciais de um argumento (V1~e).

Verbos de dois argumentos (V2)

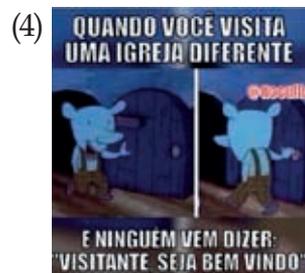
Verifiquemos, agora, como a Hipótese da Estrutura Argumental Preferida (DU BOIS, 1987, p. 805-855) pode ser testada na análise dos dados. Em primeiro lugar, observemos, na tabela 2, os resultados que se referem aos verbos de dois argumentos (V2).

Tabela 2 - Manifestação de fatores sintático-semânticos em verbos de dois argumentos (V2)

Tipo de argumento		Sujeito		Objeto	
		Fatores	Aplicação	%	Aplicação
Manifestação	Lexical	32	40,0	69	86,3
	Pronominal	40	50,0	9	11,3
	Eliptico	8	10,0	2	2,5
Posição	Pré	73	91,3	6	7,5
	Pós	3	3,8	72	90,0
	Não se aplica	4	5,0	2	2,5
Estatuto	Dado	40	50,0	7	8,8
	Novo	38	47,5	71	88,8
	Inferível	0	0,0	0	0,0
Total				80	

Dos 100 dados, foram localizados 80 do tipo V2 (80% do total de dados). Esse tipo de verbo foi o mais recorrente entre as ocorrências. Em relação à manifestação do sujeito e do objeto, os resultados apontam para uma preferência por sujeitos pronominais (40/50%) e objetos lexicais (69/86,3%), confirmando a “restrição de um único argumento lexical” – tendência a aparecer um único argumento lexical e na posição de objeto. Como afirma Du Bois (1987, p. 819), essa restrição não representa uma regra categórica, mas uma tendência. De fato, também há um número relevante que representa um possível desvio à regra (32/40% de ocorrências com sujeito também lexical), porque, como a Temporal vem no início do texto, não representa uma retomada. Os exemplos (4) e (5), respectivamente, mostram duas situações de aproximação e desvio da EAP:

Figura 4



Fonte: Instagram @Noculto

Figura 5



Fonte: Instagram @Noculto

A tendência por codificar elementos pronominais ou elípticos na posição de sujeito pode ser explicada pelo fato de que essas Temporais desgarradas já demandam certo esforço de codificação por não possuírem uma nuclear expressa em texto verbal. Isso sobrecarrega a interpretação da sentença, que, portanto, tenderia a codificar elementos pressupostos. O possível desvio da EAP – o fato de haver, também, um percentual considerável de elementos lexicais na posição de sujeito – se explica na medida em que também entendemos esse tipo de construção como introdutora de elementos novos no discurso, já que não há material textual precedente para ser retomado. Assim, é comum para as Temporais desgarradas em *memes quando* apresentar tanto referentes evocados situacionalmente como novos.

Em relação à “restrição de sujeitos transitivos lexicais” – evitar sujeito transitivo lexical –, a hipótese se confirma, uma vez que, somando sujeitos pronominais e elípticos, temos 60% (= 50% + 10%, respectivamente) de ocorrências (= 40 + 8, respectivamente).

No que diz respeito à dimensão pragmática, a “restrição de um único argumento novo” – evitar mais de um argumento novo por cláusula – também se confirma, pois a porcentagem de argumentos novos tende a ser maior em apenas uma posição, a de objeto (71/88,8%). Já a “restrição de sujeito transitivo dado” – evitar sujeitos transitivos novos – confirma-se parcialmente, uma vez que os percentuais são bastante aproximados entre sujeitos dados (40/50%) e sujeitos novos (38/47,5%), embora haja leve tendência maior para a codificação de referentes dados na posição de sujeito de V2. Como dito, parece-nos que as Temporais em *memes quando* cumprem dupla função:

apresentar sujeitos dados ou novos. Os sujeitos dados, em geral, remetem aos participantes da cena comunicativa, e os novos retratam referentes introduzidos pela primeira vez, já que não há porção textual anterior que os ancore.

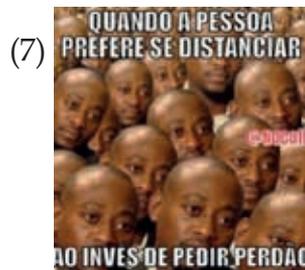
Observando os casos de sujeitos novos, percebemos que, em sua maior parte, são expressos pelo pronome indefinido “alguém” ou por “sintagmas nominais com um substantivo de sentido genérico” (ILARI *et al.*, 2002, p. 100), como pode ser visto, respectivamente, nos exemplos (6) e (7):

Figura 6



Fonte: Instagram @Noculto

Figura 7



Fonte: Instagram @Noculto

Em ambos os casos, não é possível recuperar a referência dos sujeitos, pois se trata de referentes genéricos, não inferíveis nem pressupostos pela situação comunicativa. Em relação aos referentes inferíveis, não se encontrou nenhuma ocorrência, nem de sujeito nem de objeto. Acreditamos que isso se explique pelo fato de que a inferência precisa de porção textual significativa para que ela se construa, o que não acontece com as Temporais desgarradas em *memes quando*, já que

expressam porção textual reduzida, sem material significativo anteriormente mencionado.

Em suma, os traços caracterizadores de V2 dessas Temporais são os seguintes: Sujeito de V2 = [pronominal, pré, dado]; Objeto de V2 = [lexical, pós, novo].

Verbos existenciais de um argumento (V1e)

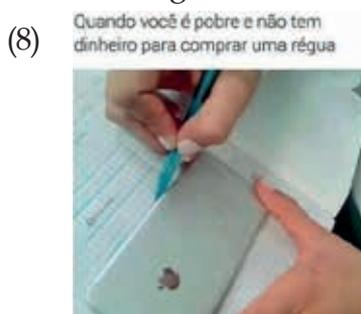
No que tange aos verbos existenciais de um argumento (V1e), sua frequência foi baixíssima no *corpus*. Dos 100 dados coletados, apenas dois continham essa tipologia verbal (2% do total de dados). Vejamos a tabela 3:

Tabela 3 – Manifestação de fatores sintático-semânticos em verbos existenciais de um argumento (V1e)

	Tipo de argumento		Sujeito	
	Fatores		Aplicação	%
Manifestação	Lexical		1	50,0
	Pronominal		1	50,0
	Elíptico		0	0,0
Posição	Pré		2	100,0
	Pós		0	0,0
Estatuto	Dado		1	50,0
	Novo		1	50,0
	Inferível		0	0,0
Total			2	

Os dados de V1e revelam um empate entre sujeitos lexicais (50%) e pronominais (50%), e de estatuto dado (50%) e novo (50%). Observemos, nos exemplos (8) e (9), essas ocorrências, seguidas de suas análises:

Figura 8



Fonte: Instagram @k100_memes_

Em (8), observa-se verbo de estado, em estrutura coordenada, com outro verbo de estado (*ter*), cujo sujeito está em elipse. Segundo Borba (1996, p. 60), verbos de estado

expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário. Os verbos de estado têm obrigatoriamente um argumento que é um *inativo*, na medida em que não é *agentivo*, nem *causativo*, nem *paciente*. Ex.: [...] Mário permaneceu em silêncio. [...] Fernando tem três filhos. [...] Tadeu ama Dirce (BORBA, 1996, p. 60).

O dado (8) expõe uma situação não dinâmica – a falta de recursos do interlocutor. A isso, associa-se uma cláusula coordenada com a conjunção “e”, que, neste caso, além do valor aditivo, apresenta valor conclusivo (você é pobre, portanto, não tem dinheiro para comprar uma régua). No contexto não verbal, mostra-se alguém utilizando um celular Iphone – um aparelho caro – como se fosse uma régua. O caráter humorístico desse texto constrói-se sobre uma contradição, cuja interpretação pode ser a seguinte: o interlocutor não tem dinheiro para comprar uma régua, mas pode comprar um celular de última geração. Vejamos o exemplo (9):

Figura 9

(9)



Fonte: <http://geradormemes.com/meme/nk8l54>

Em (9), vemos uma tendência oposta à apresentada em (8), em relação à manifestação do sujeito e ao seu estatuto informacional. A ocorrência (9) apresenta sujeito lexical e novo. Resolvemos incluir o verbo *sair* na categoria V1e, pois Pezatti (1996, p. 279) sinaliza que esse grupo também pode ser composto por “verbos que denotam existência positiva

ou emergência de uma entidade, e verbos [...] que indicam existência negativa”. Na situação apresentada em (9), o verbo não menciona complemento locativo e retira um referente (*o chefe*) do universo do discurso.

Em relação às restrições da EAP, Du Bois (1987, p. 828) explica que um argumento novo e lexicalizado tende a aparecer como sujeito intransitivo ou objeto. Acerca da ordem, Pezatti (1996, p. 279) explica que “a escolha de um V1e obriga a colocação do argumento em posição pós-verbal, acarretando ordem VS (verbo-sujeito)”. Contudo, os exemplos (8) e (9) revelam situações diferentes, mas não podemos fazer generalizações com base em poucos dados. Como veremos, as Temporais desgarradas nos *memes quando* constituem um tipo especial de construção em relação à expressão do sujeito: podem se referir, com frequência aproximada, a participantes da situação comunicativa (SN pronominais, dados), ou a elementos externos (SN lexicais, novos).

Embora haja baixa quantidade de dados, pode-se postular uma estrutura de traços, que pode ser confirmada/refutada em estudos posteriores: Sujeito de V1e = [lexical/pronominal, pré, dado/novo].

Verbos não existenciais de um argumento (V1~e)

Quanto aos verbos não existenciais de um argumento (V1~e), foram encontrados 18 dados dos 100 (18% do total de dados).

Tabela 4 – Manifestação de fatores sintático-semânticos em verbos não existenciais de um argumento (V1~e)

Tipo de argumento		Sujeito	
Fatores		Aplicação	%
Manifestação	Lexical	9	50
	Pronominal	9	50
	Elíptico	0	0,0
Posição	Pré	16	88,9
	Pós	2	11,1
Estatuto	Dado	8	44,4
	Novo	10	55,6
	Acessível	0	0,0
Total		18	

A tabela 4 mostra o mesmo número de dados para sujeitos lexicais e pronominais (9/50%). Nenhum dado de sujeito em elipse foi identificado. Como os valores são iguais, não há como confirmar, quanto a essa tipologia, a hipótese de Du Bois (1987, p. 823) de que argumentos lexicais tendem a aparecer como sujeitos de verbos intransitivos.

Quanto aos demais fatores, há uma tendência por sujeitos prepostos (16/88,9%) e novos (10/55,6%). Segundo Pezatti (1996, p. 278), “a função do argumento sujeito-intransitivo (Si) é introduzir um referente humano novo através do uso de um verbo intransitivo, ainda que nem sempre este seja usado para tal função”, como exemplificado em (10), em que o sujeito, *um grupo*, é novo:

Figura 10



Fonte: Instagram @Noculto

Contudo, observando os resultados de Pezatti (1996, p. 287), os sujeitos de V1~e se apresentaram, com maior frequência, como referentes dados. Assim, há mais um argumento que mostra que as Temporais desgarradas em *memes quando* consistem em um tipo especial de construção que pode codificar tanto sujeitos dados pronominais como novos lexicais, ainda que, com V1~e, haja uma leve tendência para a codificação de sujeitos novos, confirmando, nesse aspecto, a EAP. Isso se dá devido à ausência de material textual antes da Temporal. Sendo assim, a inserção de sujeitos dados só é possível via pronominalização, enfocando um dos participantes da interação.

Assim, notam-se estes traços: Sujeito de V1~e = [lexical/pronominal, pré, novo].

Conclusão

Neste trabalho, propomo-nos a analisar Cláusulas Temporais desgarradas em *memes quando*, com base na Hipótese da Estrutura Argumental Preferida (DU BOIS, 1987). Para tanto, realizamos, em primeiro lugar, uma descrição dessas construções, enfocando as variáveis *tempo e modo verbal, ordem de constituintes e tipo semântico do verbo*. Em seguida, de modo a verificar a aplicação da EAP, testamos as variáveis *manifestação, posição e estatuto informacional* de sujeitos de V2, V1e e V1~e; e *manifestação, posição e estatuto informacional* do objeto de V2.

Os resultados gerais das 100 ocorrências localizadas apontaram para predominância de ordenação SV(O) e uso de verbos de estado ou ação (com tendência mais forte para o último tipo) no Presente do Indicativo e confirmação parcial da EAP. No que diz respeito às tipologias verbais analisadas (V2, V1~e e V1e), os traços *identificados* foram os seguintes: Sujeito de V2 = [pronominal, pré, dado]; Objeto de V2 = [lexical, pós, novo]; Sujeito de V1e = [lexical/pronominal, pré, dado/novo]; Sujeito de V1~e = [lexical/pronominal, pré, novo]. Desse modo, percebemos que essas Temporais desgarradas constituem um tipo especial de construção no que diz respeito à manifestação do sujeito, já que houve embate entre sujeitos lexicais novos e pronominais dados. Logo, entendemos que, nessas construções, verbos V2 tendem a focalizar participantes da interação, referentes pronominalizados e dados; já V1e e V1~e tendem a focalizar participantes da interação ou externos a ela (pronominais ou lexicais, dados ou novos), ainda que V1~e tenha apresentado maior tendência em apresentar sujeitos novos, confirmando a EAP.

No que concerne ao fenômeno do *desgarramento*, a frequência das cláusulas temporais *desgarradas* em *memes quando* chama atenção. Esperamos que o trabalho aqui desenvolvido desperte o interesse sobre o estudo deste e de outros gêneros digitais.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

BLACKMORE, S. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: _____. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980. p. 9-50

COAN, M. *et al.* Topicalização do sujeito em perspectiva variacionista. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 173-186, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DAWKINS, R. *O Gene egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001 (Coleção O Homem e a Ciência, v. 7).

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta (Linguística e Filologia)*, Belo Horizonte: PUC Minas, v.2, n.4, p. 23-38, 1º sem. 1999.

_____. Estruturas desgarradas em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa - PB. ABRALIN 40 ANOS - ANAIS. João Pessoa - PB: Ideia, 2009. p. 2141-2151.

_____. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. *Veredas*, Juiz de Fora (MG), v. 18, n. 2, p. 123-135, 2014.

DELANCEY, S. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language*, Baltimore, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

DU BOIS, J. W. The discourse basis of ergativity. *Language*, Baltimore, v. 63, p. 805-855, 1987.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. Nova York: Routledge, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Australia: Edward Arnold, 1985.

ILARI, R. *et al.* Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Vol. IV: Estudos descritivos. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 73-159.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

PEZATTI, E. G. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 159-178, 1993.

_____. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Editora da UNICAMP-FAPESP, 1996. p. 275-299.

_____. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

_____. The ZPG letter: Subjects, Definiteness, and Information Status. In: THOMPSON, S.; MANN, W. (Eds.) *Discourse Description: Diverse Analyses of a Fund Raising Text*. Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 295-325.

RECUERO, R. Memes em Weblogs: proposta de uma taxonomia. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 15, 2006, Bauru, SP. *Anais*. Bauru, 2006. Artigo apresentado no GT de Tecnologias da Informação e da Comunicação.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

RODRIGUES, V. V.; SILVESTRE, A. P. dos S. Desgarramento: um novo olhar. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA CONECTIVOS E CONEXÃO DE ORAÇÕES, 1., 2016, Niterói-RJ. *Anais...* Niterói - RJ: Letras da UFF, 2017. p. 217-237. Disponível em: <<https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco-publicac3a7c3a3o-com-isbn.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Abstract

The Preferred Argument Structure of unattached Temporal Circumstantial Hypotactic Clauses in when memes

We aim to analyze the Preferred Argument Structure - PAS (DU BOIS, 1987) of unattached Temporal Circumstantial Hypotactic Clauses in when memes, collected from Google search site and Instagram social network. We adopted the following methodological procedures: we collected 100 clauses, divided according to the verb type (verbs of two arguments (V2), existential verbs of an argument (V1e) and non-existential verbs of an argument (V1~e)) and encoded them according to the variables verbal tense and mood; order of constituents; semantic and syntactic verb type; manifestation, position and informational status of the subject of transitive and intransitive verbs and the object of transitive verbs. The results indicated the following general features: SV(O) ordering and presence of state or action verbs (with stronger tendency for the latter) in the Present of the Indicative. In relation to verbal typologies, the following features were detected, partially confirming the PAS: Subject of V2 = [pronominal, pre, given]; Object of V2 = [lexical, post, new]; Subject of V1e = [lexical/pronominal, pre, given/new]; Subject of V1~e = [lexical/pronominal, pre, new]. We found that these constructions constitute a special type considering the subject manifestation. Therefore, we understand that, in these constructs, V2 verbs tend to present pronominalized and given interaction participants; on the other hand, V1e and V1~e tend to focus on participants of the interaction or external to it (pronominal or lexical, given or new), although V1~e has a greater tendency to introduce new subjects. Moreover, we verified the frequency of these unattached clauses in memes.

Keywords: *Temporal Circumstantial Hypotactic Clauses. Unattached Clauses. When memes. Preferred Argument Structure (PAS).*